

Israel considera Lula 'persona non grata'; Brasil reage e chama embaixador

— Crise diplomática entre os dois países se agrava, com pedidos públicos de retratação do governo israelense; Brasília mantém tom e não dá sinais de distensão

FELIPE FRAZÃO
MONICA GUGLIANO

Israel passou a considerar ontem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva *persona non grata* até que ele se desculpe pelas declarações comparando as ações do Exército israelense na Faixa de Gaza ao Holocausto. A decisão foi informada ao embaixador do Brasil em Tel-Aviv, Frederico Meyer, no Museu do Holocausto, onde ele recebeu também uma aula sobre o genocídio cometido pelos nazistas contra 6 milhões de judeus. Sem sinal de distensão em Brasília, o governo brasileiro chamou Meyer de volta ao País. O assessor para assuntos internacionais do presidente Lula e ex-chanceler, Celso Amorim, disse que não houve erro nenhum na fala do presidente.

O Ministério das Relações Exteriores afirmou, em nota, que, "diante da gravidade das declarações" de Israel considerando Lula *persona non grata*, o ministro Mauro Vieira também decidiu convocar o embaixador israelense no Brasil, Daniel Zonshine, para explicações. Eles se encontraram ontem, no Rio.

A decisão de retirar o embaixador brasileiro foi a forma de Brasília expressar insatisfação sobre a maneira com que autoridades israelenses responderam a Lula. A medida diplomática significa que a Embaixada do Brasil em Tel-Aviv continua funcionando, mas sob o comando do encarregado de negócios, o diplomata mais graduado. O sinal é de claro agravamento do impasse, mas não de uma ruptura. Meyer deve ficar no Brasil por dez dias.

O presidente quer se reunir pessoalmente com ele, mas não vai movê-lo do posto, ao menos por enquanto. A decisão foi tomada após uma série de



Chanceler israelense, Israel Katz (E), fala à imprensa ao lado do embaixador do Brasil Frederico Meyer

conversas entre Lula e alguns ministros e conselheiros mais próximos. No Alvorada, ele avaliou a crise diplomática com o ministro Paulo Pimenta (Comunicação Social) e Amorim, entre outros. Vieira também participou das conversas portelefone.

'ARMADILHA'. Para o Brasil, o embaixador brasileiro foi colocado no que integrantes do governo consideraram uma espécie de "armadilha". Ele não fala nem compreende hebraico, e ficou exposto diante das câmeras, sem poder esboçar reação, enquanto ao seu lado o chanceler israelense, Israel Katz, declarava à imprensa que Lula passava a ser considerado *persona non grata* no país, uma expressão que, na diplomacia, significa que um representante estrangeiro não é mais bem-vindo em missões oficiais.

O Itamaraty já estava incomodado com o método da repreensão escolhido pela chan-

celaria israelense. Em vez de uma reunião mais reservada na sede do Ministério das Relações Exteriores, como costuma ser o padrão diplomático, o governo Netanyahu marcou o encontro no Yad Vashem, um memorial do Holocausto. Diplomatas consideraram que o representante brasileiro foi "humilhado" com a situação.

Medida diplomática
Após sua chegada,
embaixador brasileiro
em Tel-Aviv deve passar
dez dias no Brasil

No memorial, o embaixador brasileiro ouviu as queixas dos israelenses, voltou a manifestar as preocupações do governo brasileiro, mas não fez comentários a respeito das falas de Lula. Ele não repassou nenhum recado de *mea culpa*, o que já indicava a indisposição de Lula de pedir desculpas.

"A comparação do presidente Lula entre a justa guerra de Israel contra o Hamas e as ações de Hitler e dos nazistas, que mataram 6 milhões de judeus e um sério ataque antisemita que desrespeita a memória daqueles que morreram no Holocausto. Não vamos perdoar e nem esquecer, em nome dos cidadãos de Israel, eu informei o presidente Lula que ele não é bem-vindo em Israel até que ele se desculpe e retrate suas palavras", escreveu depois o chanceler israelense, Israel Katz, na rede social X.

Questionado sobre a possibilidade de se desculpar, Amorim foi enfático ao dizer que o governo não se retratará. "Existe zero possibilidade de o presidente Lula pedir desculpas. Ele não fez nada errado. Só citou fatos históricos", disse o ex-chanceler ao **Estadão**, acrescentando que "nenhum povo tem o monopólio do sofrimento".

A primeira-dama Janja da Silva foi às redes sociais defender

Para lembrar

Brasil foi chamado em 2014 de 'ano diplomático'

• Tensão por guerra

Em 2014, Israel e Brasil passaram por uma crise depois que a então presidente Dilma Rousseff chamou o embaixador brasileiro para consultas, em meio a uma guerra entre Israel e Hamas.

• 'Parceiro irrelevante'

Em resposta, o porta-voz da chancelaria de Israel, Yigal Palmor, disse que o Brasil era um "parceiro irrelevante". "Essa é uma demonstração lamentável de como o Brasil, um gigante econômico e cultural, continua a ser um ano diplomático", disse.

Lula, em mais um indicio de que não haveria recuo do governo. "A fala se referiu ao governo genocida e não ao povo judeu. Sejam honestos nas análises", disse ela.

DECLARAÇÃO. A guerra no enclave palestino começou no dia 7 de outubro, quando terroristas do Hamas invadiram o território israelense, mataram 1,2 mil pessoas e sequestraram 240. A ação é considerada o pior ataque contra judeus desde o Holocausto e o mais duro ataque terrorista da história de Israel.

Em resposta, Israel iniciou uma operação em Gaza, com bombardeios aéreos e invasão terrestre, que já deixou mais de 28 mil mortos, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas.

A declaração de Lula foi dada durante uma entrevista coletiva em Adis Abeba, capital da Etiópia, onde o presidente estava em visita oficial. ●

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 12